

Assim como Giacometti perseguiu a forma cabeça durante toda sua vida, Antônio Augusto, há muitos anos, desenha cabeças. A cabeça o obstina.

Mas seus desenhos, muito mais do que cabeças, são escrituras pintadas, lances de espada, pedaços de pólvora feitos de grafite, estalar de músculos que arranham o lápis no papel e na tela.

Antonio, também como Giacometti, centra seu pensamento e seu gesto no desenho mesmo quando pinta ou se dedica à escultura.

Tem o temperamento do artista autêntico, avesso a modismos, obsessivo, cabeçudo mesmo. Seus desenhos em grandes formatos insistem em conservar ainda a forma fechada da cabeça reconhecível mesmo que os grafismos que se depreendem no espaço da folha estejam cada vez mais fortes e adquirindo maior autonomia no tratamento.

É aí, quando a linha se solta e se torna devaneio, que passeamos os olhos num território de delícias e surpresas, cidades fantásticas, lugares de ficção e fantasia. E ficamos absortos a percorrer estes descaminhos do desenho de Antonio, estas encruzilhadas que parecem sair do seu controle.

Os traços verticais, feito chuva, irrompem no espaço e marcam a superfície como uma faca de lâmina afiada. Os traços são agudos. Dá a impressão de que as cabeças estão querendo literalmente explodir, livrar-se dos contornos que ainda as aprisionam.

E ficamos aguardando, ansiosos, os estilhaços desta explosão.